

## LEITURA DE TEXTOS HUMORÍSTICOS NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM SEMIOLINGUÍSTICA

Caroline Lourenço Monteiro\*

**Resumo:** Este trabalho pretende examinar as estratégias linguístico-discursivas que constroem o humor na seção intitulada Sensacionalista, da Revista Veja, visando fornecer subsídios para o desenvolvimento da leitura crítica. Filiamos esta pesquisa ao referencial teórico da Análise do Discurso Francesa de orientação Semiolinguística, representada por Patrick Charaudeau, especialmente à teoria dos sujeitos do ato de linguagem e ao discurso humorístico. Para a Semiolinguística, todo ato de comunicação é uma aposta, pois não há garantias de que o interlocutor alcançará os efeitos de sentido pretendidos pelo enunciador e, no caso de textos humorísticos não é diferente, já que, para Charaudeau (2006, p.208), “a percepção do fato humorístico irá variar segundo a cultura a que as pessoas pertencem”. Desse modo, refletiremos sobre os efeitos de sentido possíveis do ato humorístico em um veículo de comunicação que tem como objetivo principal a informação, ou seja, deseja fazer saber. Embora sejam, às vezes, um pouco menosprezados pelo ensino tradicional, textos humorísticos exigem que o leitor faça um grande número de inferências, mobilizando, além do seu conhecimento de mundo, os imaginários sociais e os estereótipos presentes em determinada cultura. Assim, entende-se que o uso de textos humorísticos, ao trazer mais leveza para abordagens de temas densos, como a política, pode ser um grande aliado nas aulas de Língua Portuguesa, possibilitando o desenvolvimento da leitura crítica dos alunos.

**Palavras-chave:** Semiolinguística; Ensino; Humor.

**Abstract:** This paper intends to examine the linguistic-discursive strategies that build humor in the section entitled Sensationalist, from Veja Magazine, aiming to provide support for the development of critical reading. We affiliated this research with the theoretical framework of French Discourse Analysis of Semiolinguistic orientation, represented by Patrick Charaudeau, especially the theory of the subjects of the act of language and the humorous discourse. For Semiolinguistics, every act of communication is a gamble, since there is no guarantee that the interlocutor will achieve the effects of meaning intended by the enunciator and, in the case of humorous texts is no different, since, for Charaudeau (2006, p.208), "The perception of the humorous fact will vary according to the culture to which people belong". In this way, we will reflect on the possible meaning effects of the humorous act in a communication vehicle whose main objective is information, that is, it wishes to make known. Although sometimes slightly belittled by traditional teaching, humorous texts require the reader to make a large number of inferences, mobilizing, beyond their knowledge of the world, the social imaginary and stereotypes present in a given culture. Thus, it is understood that the use of humorous texts, by bringing lightness to approaches of dense subjects, such as politics, can be a great ally in Portuguese language classes, enabling the development of students' critical reading.

**Keywords:** Semiolinguistics; Teaching; Humor.

---

\* Doutoranda em Estudos da Linguagem / UFF - CNPQ  
monteirocaroline@hotmail.com

## 1. Introdução

O trabalho com a leitura em sala de aula é sempre muito desafiador, seja pela falta de infraestrutura, sobretudo em escolas da rede pública, seja pela falta de espaço na grade para a disciplina intitulada Leitura, assim como Gramática e Redação, seja pela falta de interesse dos alunos. Desse modo, cabe a nós, professores, pensar em novas maneiras de trazer a leitura para a sala de aula, pois sabemos que é por meio da linguagem que o mundo se apresenta para nós e, se não prepararmos nossos alunos para se tornarem leitores críticos e competentes, que mundo se apresentará para esses jovens?

Vivemos um tempo em que o tema política está em alta, seja pela crise financeira em que o Brasil vive, seja pela “guerra” declarada entre direita e esquerda. Logo, não podemos deixar esse tema fora das salas de aula. Entretanto, como trazer um tema tão denso para o ambiente escolar? Os textos humorísticos, por muito tempo menosprezados, têm sido grandes aliados para promover a reflexão e a crítica social, e, ao mesmo tempo, suavizar a abordagem de temas considerados “chatos” ou “difíceis” para o corpo discente.

## 2. O ato de linguagem como encenação

Para a abordagem dos pressupostos que norteiam a teoria de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau, é interessante que iniciemos examinando o próprio nome empregado para designar essa corrente de estudos: SEMIOLINGUÍSTICA. A primeira parte, *Semio-*, vem do grego *semiosis*, configurando que a construção do sentido se dá através de uma relação forma-sentido. A segunda parte, *-linguística*, aponta para o fato de que as línguas naturais são a matéria principal da forma citada, ou seja, é sobre o material linguageiro em suas múltiplas semioses que incide a pesquisa.

No âmbito dessa teoria de análise do discurso, impõe-se um processo de *semiotização do mundo*, que é descrito conforme o esquema abaixo:

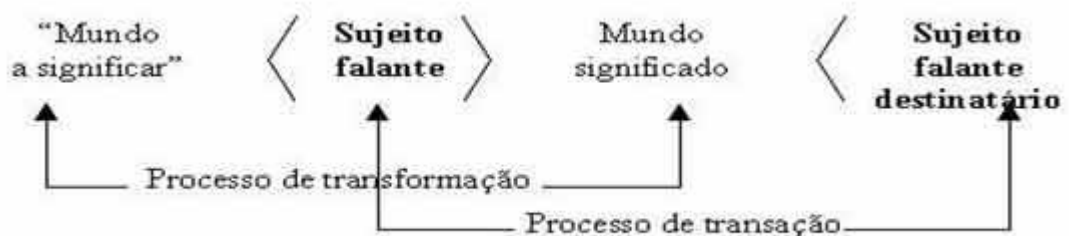


Figura 1: Processo de transformação e processo de transação

Fonte: CHARAUDEAU (2005)

O processo de transformação transforma o “mundo a significar” em “mundo significado” por um sujeito falante e compreende quatro tipos de operação: identificação, qualificação, ação e causação. Já o processo de transação faz do “mundo significado” um objeto de troca linguageira entre os participantes da interação e se realiza de acordo com quatro princípios: de alteridade, de pertinência, de influência e de regulação. Pelo fato de determinar as escolhas linguísticas, o processo de transação comanda o de transformação.

É preciso deixar claro, sobretudo, que, no âmbito da Semiologia, a construção do sentido se dará através de sujeitos movidos por determinadas intenções comunicativas e inseridos num mundo social. Tendo como exemplo o enunciado “Que cheiro delicioso!”, percebemos que, se fosse proferido por um cliente, ao entrar numa loja de perfumes, significaria um elogio, fruto de uma boa sensação. No entanto, se esse mesmo enunciado fosse dito por alguém, ao passar ao lado de um caminhão de lixo, seria uma ironia, ou seja, o enunciado significaria exatamente o contrário do que foi dito. Dessa forma, parece claro como a construção do sentido depende do dispositivo comunicativo, articulando o implícito e o explícito, o discursivo e o situacional, assim como dos sujeitos que enunciam, já que esse efeito de sentido é fruto da interação entre esses sujeitos sob um quadro contratual.

Os sentidos também não dependem exclusivamente de um sujeito, mas sim de todos os sujeitos que fazem parte de um ato de linguagem, já que esses sentidos são construídos tanto na produção quanto na recepção de qualquer enunciação. Isso faz com que todo ato de linguagem seja uma aposta, na qual o locutor deseja que o interlocutor encontre nos enunciados muitos mais do que apenas o sentido literal de palavras postas lado a lado, pois, segundo Charaudeau (1999, p.30), os enunciados não significam em si mesmos, só quando são colocados num determinado espaço de condicionamento.

Em 2 de agosto de 2019, a revista “Veja” publicou na coluna humorística “Sensacionalista” a seguinte manchete: *Novo atentado – Dória dá facada nas costas de Bolsonaro*. O efeito de sentido da manchete é construído por meio da ambiguidade atribuída à expressão “facada nas costas”, que pode ser lida, num primeiro sentido, como uma agressão com uma faca, ou, num sentido mais amplo, como uma traição.

Esse exemplo, ao construir o texto brincando com os sentidos que podem ser atribuídos a uma mesma expressão, ilustra bem a noção de que a linguagem é um objeto não transparente e que o processo de comunicação não é o resultado de uma única intencionalidade, mas sim da relação entre os parceiros da troca linguageira. Dessa forma, para Charaudeau (2012b), o ato de linguagem não esgota sua significação em sua forma explícita, pois se trata de um objeto duplo, constituído de um Explícito e de um Implícito.

Extraí-se daqui uma diferença importante para a Semiologia, entre o sentido de língua e o sentido de discurso. Como pudemos observar, o sentido de língua se constrói por meio de signos, nos quais associamos significantes e significados. Já o sentido de discurso não pode ser construído como se cada signo tivesse um valor absoluto, é preciso articulá-lo com outros signos e com o espaço de condicionamento do ato da linguagem.

Também é importante mencionar que todo ato de linguagem é, segundo Charaudeau (2012b, p.45), um ato interenunciativo entre dois tipos de sujeitos: os sujeitos, chamados de EUE – EU enunciador – e TUD – TU destinatário –, que assumem a instância da produção e são abstrações; e os parceiros, chamados de EUC – EU comunicante – e TUI – TU interpretante –, seres do mundo real, ligados em uma relação contratual.

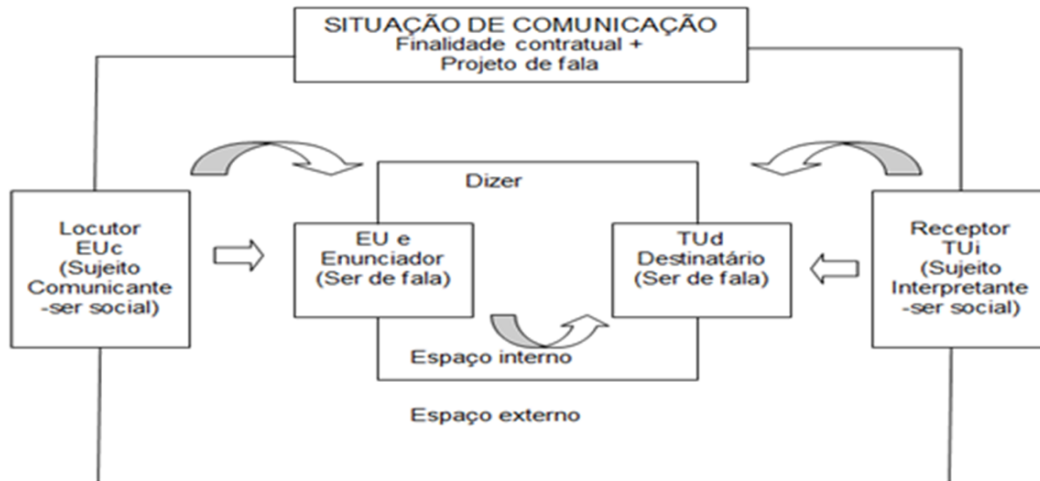


Figura 2: O Ato de Linguagem e seus Sujeitos

Fonte: CHARAUDEAU (2010).

O EU comunicante é quem inicia o processo de produção, comandando, no quadro do fazer, a encenação. Já o EU enunciador define-se como ser de fala da encenação do dizer; é a imagem construída pelo EUC, na qual estará presente toda a sua intencionalidade comunicativa, é um ser que só existe devido ao ato de linguagem.

O TU destinatário é também definido como ser de fala da encenação do dizer; o sujeito imaginado pelo EUC como o ideal, e interpretado assim pelo TUi. O TU interpretante existe independentemente dos outros sujeitos; é o responsável pela iniciativa do processo de interpretação.

No espaço interno, temos o mundo discursivo, onde se encontram os seres da fala e onde se apresenta a “mise-en-scène” – a encenação do ato de linguagem, no sentido literal do termo – enquanto, no espaço externo, temos o mundo situacional, onde se encontram os seres agentes e onde circulam saberes ligados ao psicossocial.

Também cabe evidenciar que todo ato de linguagem é uma aposta, portanto, nem sempre terá, necessariamente, sua finalidade comunicativa alcançada. Charaudeau ressalta que:

Ora, um mesmo ato de linguagem pode ser interpretado por diferentes TUi e com isso, o EUC pode ser conhecido de diferentes maneiras. Assim, uma mesma fala poderá ser interpretada como “provocadora”, “demagógica”, “denunciadora” e/ou irônica conforme o TUi.

(Charaudeau, 2012b, p.51)

Essa aposta de uma comunicação bem-sucedida estabelecida entre os quatro sujeitos se constrói sob o comando de um contrato comunicativo. Esse contrato depende, segundo Charaudeau (1996, p.35), de três componentes: o comunicacional, que analisa o quadro físico do ato linguageiro; o psicossocial ou situacional, que diz respeito às impressões que os parceiros têm uns em relação aos outros; e o intencional ou discursivo, que se refere ao “conhecimento” que os parceiros têm uns dos outros, levando em conta os imaginários culturais e os saberes compartilhados entre eles.

E sobredeterminada pelo contrato de comunicação que se constrói a “mise en scène”. Todo ato de linguagem tem uma faceta teatral que nos ajuda a viver em sociedade, pois, em diversos momentos do nosso dia a dia, temos que colocar nossas máscaras para que possamos conviver da melhor maneira nas mais diversas situações de troca linguageira – segundo diferentes relações contratuais – a que somos expostos. Por exemplo, um advogado, ao defender a empresa para a qual presta serviços, assume uma máscara e uma posição na encenação do Dizer que talvez chegue a ir contra a ideologia de seu EUC.

### 3. O humor

Muitas áreas acadêmicas já se debruçaram sobre o estudo do humor, como a Antropologia, a Psicanálise, a Linguística, a Sociologia e muitas outras, pois cada uma delas interessa explicar esse fenômeno sob uma determinada ótica. Interessa-nos aqui estudá-lo sob o viés linguístico, mas sem separá-lo dos fatos discursivos que circulam nos diversos contextos sociais, ou seja, seguindo o quadro teórico da teoria Semiolinguística.

Charaudeau (2006) deixa claro que seus estudos sobre humor não estão ligados à questão do riso como garantia do fato humorístico, porque, apesar de o riso sempre ser desencadeado por um fato humorístico, esse nem sempre provoca o riso. O autor ressalta, ainda, que o ato de comunicação humorístico não deve ser considerado como a totalidade de uma situação de comunicação, pois, considerando que esse ato pode fazer parte de qualquer tipo de situação, ele pode estar inserido numa diversidade de contratos: publicitário, midiático, conversacional etc. Charaudeau define que o ato humorístico é “uma certa maneira de dizer no interior de diversas situações, um ato de enunciação com fins de estratégia para fazer de seu interlocutor um cúmplice”. (CHARAUDEAU, 2006, p.21-22)

A encenação do discurso humorístico é composta por uma relação triádica, na qual “atuam” o locutor, o destinatário e o alvo.

O locutor é o sujeito que produz o ato de humor, a quem lhe é dada uma legitimidade que o autoriza a produzir um discurso humorístico, de acordo com o seu conteúdo. Imaginando um interlocutor ideal, o locutor deseja que o destinatário seja uma espécie de cúmplice, contudo, se o interlocutor se sentir ferido, pode se tornar a vítima desse ato de humor.

O destinatário é o sujeito chamado a participar da mise en scène do ato humorístico assumindo ora papel de cúmplice, ora de vítima. Na posição de cúmplice, o locutor deseja sua convivência, chamando-o “a partilhar a visão decalcada do mundo que propõe o enunciador, assim como o julgamento que este faz sobre o alvo” (CHARAUDEAU, 2006, p.23). É transformado, assim, em uma espécie de “testemunha” do ato de humor do locutor. Na posição de vítima, esse sujeito é, ao mesmo tempo, o destinatário e o alvo, podendo assumir duas posições: aceitar rir de si mesmo ou fazer-se de desentendido.

O alvo é aquilo sobre o que se trata o ato de humor, podendo ser uma pessoa, uma situação ou até mesmo uma ideia. Cabe destacar que é por meio do alvo que certas visões normatizadas do mundo serão questionadas.

Charaudeau (2006) afirma que é preciso levar em conta os procedimentos linguageiros colocados em funcionamento na encenação do discurso humorístico. Esses procedimentos podem ser divididos em dois tipos: 1) os linguísticos; e 2) os discursivos. Quanto aos primeiros, são definidos como procedimentos que surgem de mecanismos léxico-sintático-semânticos que dizem respeito ao explícito dos signos, à sua forma e a seu sentido, assim como às relações forma-sentido. Além disso, tais mecanismos não são em si portadores de valor humorístico, podendo ser utilizados em diferentes gêneros, inclusive os caracterizados como “mais sérios” como a poesia. Quanto aos procedimentos discursivos, estes dependem mais diretamente dos mecanismos de enunciação do ato humorístico: da posição de quem fala, do sujeito interpretante, do alvo do humor, do contexto; e dos domínios temáticos partilhados.

É necessário ressaltar que os efeitos de humor que o locutor deseja causar no destinatário são efeitos pretendidos, pois, para que esses efeitos sejam alcançados, locutor e destinatário precisam partilhar as mesmas visões de mundo. Isso explica por que produzir textos humorísticos com temática religiosa podem causar efeitos tão diversos. Charaudeau (2006) considera os efeitos possíveis do ato humorístico como resultantes de questionamentos de uma visão do mundo, buscando uma convivência (que pode ser lúdica, crítica, cínica, de irrisão ou “brincadeira”) do destinatário. Cabe destacar que embora essas convivências sejam distintas, elas podem se complementar.

#### 4. Modelo de análise

O texto que será objeto de nossa análise foi publicado na revista “Veja”, no dia 26 de junho de 2019. O site Sensacionalista, cuja proposta é, ao imitar a estrutura jornalística, fazer piada com os acontecimentos mais relevantes no Brasil e no mundo, teve início em 2009. Sempre acompanhado do slogan “um jornal isento de verdade”, tornou-se uma página do Facebook em 2010 e, em 2017, passou a ser também uma coluna da revista Veja.

Texto sob análise:



Figura 3: Texto sob análise  
Fonte: Revista Veja, ed. 2640

O primeiro passo da análise seria a contextualização do fato: o texto em questão remete a um fato noticiado amplamente na mídia: o jornal “The Intercept” divulgou conversas de um chat privado que teriam ocorrido entre o então juiz federal Sergio Moro e o procurador do Ministério Público Federal (MPF) Deltan Dallagnol, coordenador da Operação Lava-Jato. As mensagens indicam que Moro teria discordado de Dallagnol sobre investigar o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, em caso que já estaria prescrito. Nas palavras atribuídas a Moro, ele não queria “melindrar alguém cujo apoio é importante”.

A situação de comunicação, cuja temática é “vida pública”, põe em cena uma relação triádica composta pelo redator da “notícia” (locutor), os leitores da revista Veja (destinatário) e Fernando Henrique Cardoso (alvo). Nesse ato de enunciação, FHC, uma figura importante no

cenário político, é objeto do julgamento negativo. O locutor tenta estabelecer com o leitor uma relação de cumplicidade no ato de desqualificar o alvo, construindo uma convivência de derrisão, e também busca uma convivência de crítica, pois há um apelo argumentativo. Considerando o quadro comunicacional proposto pela teoria Semiolinguística, tem-se o desdobramento dos componentes da mise en scène triádica:

- Eu comunicante: instância enunciativa composta por diversos sujeitos que representam, direta ou indiretamente, a publicação;
- Tu interpretante: representa qualquer pessoa que venha a entrar em contato com o texto.
- Eu enunciador: humorista, funcionário da revista Veja;
- Tu destinatário: leitor idealizado pelo Eu c;
- Alvo: Fernando Henrique Cardoso.

Num primeiro momento, pode parecer para o destinatário que o objetivo do texto é apresentar características positivas do ex-presidente, como competente, honesto e intelectual. No entanto, o locutor, ao produzir esse texto, pressupõe que o leitor da revista Veja seria capaz de compreender os implícitos e desvendar o humor pelo jogo enunciativo. O leitor precisaria ter a perspicácia de notar que o que se deseja comunicar é o que não foi escrito, mas sim o que está subentendido por meio do jogo enunciativo, exigindo um vasto conhecimento sobre fatos do cenário político, como:

- a forma do texto faz uma paródia do powerpoint apresentado pelo coordenador da Operação Lava-Jato para tentar incriminar Lula;
- “tem todos os dedos” é uma referência ao fato de que o ex-presidente Lula não tem o dedo mindinho;
- “conje da D. Ruth” remete ao fato de o Ministro Sérgio Moro ter falado, em uma entrevista, “conje” em vez de cômputo;
- “melindroso” se refere à fala do então juiz Sérgio Moro, quando se colocou contra a investigação de FHC e usou o verbo “melindrar”;
- “pai do real” explora o fato de a criação da moeda real ter sido criada durante o governo de Fernando Henrique.

O sujeito comunicante constrói a comicidade do seu texto a partir da paródia de um texto já existente, alterando seus elementos para que o novo texto não seja confundido com o texto de referência. Desse modo, se o texto paródico ridiculariza o texto original e esse texto é o powerpoint por meio do qual a Operação Lava Jato apresentou as provas contra o ex-presidente Lula, logo, o sujeito comunicante também tem como alvo implícito do seu discurso humorístico a Operação Lava Jato, objetivando desqualificá-la e questionar a sua seriedade.

Quanto aos procedimentos linguísticos, contrastando com a coloquialidade do discurso jornalístico, há a presença do léxico popular da língua – *parça* e *matador* – com o emprego de gírias que remetem às camadas populares, trazendo uma surpresa cômica que rompe com a expectativa linguística dos leitores do periódico. Além disso, o uso de adjetivos que não fazem parte do universo político como *príncipe* e *lindo* trazem comicidade para o texto, fazendo com que o leitor perceba que o que se quer realmente dizer está implícito.

## 5. Considerações finais

O trabalho com textos humorísticos na escola permite o desenvolvimento da capacidade crítica e amplia o conhecimento de mundo dos alunos, permitindo que eles se coloquem como

cidadãos diante de fatos cotidianos. O humor se coloca como uma ótima estratégia para a abordagem de assuntos que exigem uma discussão mais profunda, pois, ao trazer leveza para esses temas, ele cumpre a função crítica, mas também proporciona prazer.

A abordagem de temas políticos não pode ser ignorada pela escola, sobretudo pelos professores de Língua Portuguesa devido à enorme quantidade de gêneros textuais que abordam essa temática. Como vimos, textos humorísticos podem ser ótimos aliados nessa abordagem e, inclusive, podem despertar a vontade de ler outros textos. Além disso, exigem que sejam feitas uma grande quantidade de inferências, ampliando o conhecimento de mundo do leitor.

## Referências

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012b.

\_\_\_\_\_. Des catégories pour l'humour. *Questions de communication: humor et média. Définitions, genres et cultures*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, n. 10. 2006.

\_\_\_\_\_. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In. GAVAZZI, Sigrid; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino (Orgs.). *Da língua ao Discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.11-29.

\_\_\_\_\_. Uma teoria do sujeitos da linguagem. In. MARI, H, et alii. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001, p.23-37.

DIAS, Ana Rosa. Leitura crítica do humor no jornal. In. ELIAS, Vanda Maria (Org.). *Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011, p.205-214